

## **A AUDIODESCRIÇÃO E A DESCOBERTA DE UM ITINERÁRIO NO ESPETÁCULO TEATRAL “TRÊS ENCONTROS COM A ALEGRIA”**

**Kely Juliana Ferreira de Araújo**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN. Professora de Teatro, audiodescriitora e pesquisadora na área da acessibilidade comunicacional, com ênfase no recurso de Audiodescrição, [kelyant04@gmail.com](mailto:kelyant04@gmail.com).

**Jefferson Fernandes Alves**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN. Docente do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (CE/UFRN), professor do Estágio Supervisionado em Teatro (UFRN) e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED), Educação Especial (PPGEEsp) e Artes Cênicas (PPGARC) da UFRN. Desenvolve estudos na interface teatro, deficiência e acessibilidade, [jfa\\_alves@msn.com](mailto:jfa_alves@msn.com).

**Thiago de Lima Torreão Cerejeira**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN. Doutorando e Mestre em Educação, com pós-graduação em Aperfeiçoamento em Audiodescrição na Escola pela UFJF, audiodescritor consultor e pesquisador na área da acessibilidade comunicacional e cultural, com ênfase na interface arte e deficiência visual, [thiagotcerejeira@gmail.com](mailto:thiagotcerejeira@gmail.com).





## RESUMO

Buscamos nesse artigo explicitar o processo de aproximação teórico-prática da audiodescrição, considerando o envolvimento com um projeto de extensão “Audiodescrição ao vivo: a acessibilidade de eventos acadêmicos no contexto da UFRN” e a experiência de audiodescrever o espetáculo “Três encontros com a Alegria”. Procuramos enfatizar a dimensão conceitual da audiodescrição, centrando-nos na evocação do processo tradutório do mencionado espetáculo, a partir do qual evidenciamos o caráter colaborativo da audiodescrição, tendo como referência a mediação do audiodescritor consultor, pessoa com deficiência visual que deve integrar a equipe de audiodescrição. Ademais, realçamos a dimensão poética da audiodescrição, em sintonia com a própria característica da cena teatral.

**Palavras-chave:** Audiodescrição; Teatro; Deficiência Visual.

# A AUDIODESCRIÇÃO E A DESCOBERTA DE UM ITINERÁRIO NO ESPETÁCULO TEATRAL “TRÊS ENCONTROS COM A ALEGRIA”

Kely Juliana Ferreira de Araújo

Jefferson Fernandes Alves

Thiago de Lima Torreão Cerejeira

## MUITO PRAZER: AUDIODESCRIÇÃO

Ao ouvir falar em “acessibilidade” pensava compreender o significado da palavra, como algo possível para todas as pessoas, muitas vezes até utilizava em trabalhos e atividades como se tivesse domínio suficiente para isso. No entanto, não é algo simples, é como um livro que não podemos julgar pela capa, é necessário destrinchar para poder compreender, verdadeiramente, seu significado e, só assim, empregar essa palavra de forma coerente e responsável.

Sobre esse tema é de extrema relevância dar ênfase às lutas que se constituíram em busca dos direitos sociais da pessoa com deficiência, a fim da possibilidade de ocupação, de forma inclusiva, dos espaços sociais e culturais nos quais a sociedade se afirma como tal. Nessa perspectiva,

Tais lutas tensionam as esferas públicas em defesa da acessibilidade em todas as esferas que demarcam as interações humanas, pautadas na superação e na denúncia da guetificação e da culpabilização da pessoa com deficiência, tendo como referência o entendimento conceitual e político da deficiência como invenção social. (ALVES, 2017, p. 183)

A partir da compreensão da necessidade de direitos da pessoa com deficiência, inicia-se a tentativa de reduzir as disparidades que segregam os indivíduos em minorias afastadas dos processos comuns ao convívio e os distinguem de forma estigmatizada. É nessa tentativa que o conceito de acessibilidade se aplica e se desenvolve.

Iniciamos nossos estudos sobre acessibilidade, de modo mais aprofundado, em 2020, mediado pelo projeto de extensão “Audiodescrição ao vivo: a acessibilidade de eventos acadêmicos no contexto da UFRN”<sup>1</sup>. Um dos primeiros atravessamentos veio

<sup>1</sup> O projeto de extensão busca responder a uma lacuna nas políticas de acessibilidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no que se refere aos eventos acadêmicos, uma vez que procura garantir a audiodescrição dos eventos desta universidade, particularmente aqueles que contemplem expositores e/ou participantes com deficiência visual.

em um encontro do projeto, no qual foi mencionado a diferença entre acesso e acessibilidade. O acesso diz respeito a uma organização e democratização dos bens e processos culturais e sociais, os quais deveriam ser garantidos a todas as pessoas, mas nem sempre é. Enquanto a acessibilidade assume a compreensão e a consideração das singularidades dos indivíduos que não se enquadram nos padrões sociais de normalidade, na perspectiva de supressão de barreiras que frustram a participação, com maior autonomia possível, desses indivíduos nas diversas esferas sociais.

Dentre os recursos que buscam promover a acessibilidade, existe a audiodescrição, cuja manifestação no Brasil, pela primeira vez, é atribuída ao “Assim Vivemos: Festival internacional de filmes sobre Deficiência”, em 2003 (FRANCO; SILVA, 2010, p. 31). No entanto, outras experiências de descrição simultânea de filmes já aconteciam desde o final dos anos de 1990. Em um sentido mais amplo, podemos entender que:

[...] a audiodescrição compreende um olhar e uma palavra alheia cuja expressividade se dirige, principalmente, para pessoas com deficiência visual, a fim de que estes possam atribuir sentidos a artefatos, cenas e eventos visíveis e imagéticos que, na ausência do discurso verbal, não seriam compreendidos. (ALVES, 2012, p. 89)

Essa maneira de interpretar a audiodescrição põe em evidência que os processos de compreensão humana são interativos e intersubjetivos. Nesse caso, a audiodescrição explicita essas duas características: interação e intersubjetividade. Dessa forma, a compreensão alheia, no caso, os usuários da audiodescrição, está relacionada ao posicionamento ético daquelas/es que promovem a audiodescrição, uma vez que seu olhar, traduzido no roteiro e na locução, concorrem para o processo de leitura e interpretação de outrem.

A audiodescrição, enquanto recurso de acessibilidade comunicacional e cultural, poderá assim, por meio de um processo intersemiótico que transforma conteúdos visuais em enunciados verbais, contribuir para o acesso e a ampliação do entendimento de diversos produtos e contextos que se utilizam da linguagem visual.

Captamos a cena de um filme ou de um espetáculo e, a partir da nossa leitura, esquematizamos um arranjo linguístico que consiga traduzir em palavras o que se está visualizando. É importante salientar que, além do caráter descritivo, a audiodescrição precisará contemplar também o próprio aspecto poético intrínseco às obras artísticas.

É nessa perspectiva que o “Curso de extensão: Audiodescrição ao vivo”, já mencionado mais acima, ao constituir-se como espaço de formação, suscitou a dimensão alteritária da constituição do olhar, materializada na audiodescrição, permitindo a descoberta de outras possibilidades de comunicação e de fruição estética, tendo como referência o protagonismo das pessoas com deficiência visual como leitoras de inúmeras manifestações não verbais. Assim, o itinerário teórico prático construído na ambiência formativa desse curso nos afetou e nos impactou, sensivelmente, convertendo-se em uma provoca-

ção epistêmica e estética que nos lembra a compreensão larrosiana de experiência: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p. 21).

A partir dos primeiros contatos com a audiodescrição, e ainda mobilizados pelo contexto de afetação correlato, deflagramos um processo de agenciamento da audiodescrição vinculado à apresentação de um espetáculo teatral. E é interessante assinalar que, da mesma forma que o contato com a audiodescrição se constituiu em um acontecimento que nos atravessou e não apenas passou por nós, a perspectiva de experimentar a audiodescrição de um espetáculo teatral, se orientou, justamente, pela possibilidade de que a versão acessível desse espetáculo pudesse, também, afetar e atravessar possíveis espectadores com deficiência visual.

### **TRÊS ENCONTROS COM A ALEGRIA: O DESAFIO DE AUDIODESCREVER**

Enquanto artista, buscando caminhos para permanecer atuando e ocupando os espaços culturais, aprovamos, em um edital da Lei Aldir Blanc, em 2020, a proposta da montagem de um espetáculo teatral a ser disponibilizado nas plataformas digitais. O espetáculo é um monólogo que trata de uma ida à padaria a qual instaura, na vida de Ana, a alegria do encontro e a dor da perda. A protagonista narra os momentos felizes que teve ao encontrar uma menina, projetando nela as expectativas não vividas da maternidade. As consequências de um relacionamento abusivo são evidenciadas no discurso da protagonista, quando a doçura de uma criança toca o coração da amargurada mulher.

Figura 1 – Fragmento retirado do espetáculo “Três encontros com a alegria”.



Fonte: Nobir Produtora.

### #Descrevipravocê

*Fotografia colorida, em formato paisagem, de um palco, no qual destaca-se a personagem Ana. Ela é uma mulher branca com cabelos curtos, levemente bagunçados. Usa blusa bege e saia jeans. Está sentada no chão com as pernas dobradas. Olha para baixo, onde estão algumas roupas de criança, espalhadas no chão. Acolhe ao peito um vestido florido. Sua expressão facial demonstra emoção. Ao fundo, um baú bege aberto. Sobre ela, iluminação azul que se espalha pelo chão do palco. (Fim da descrição).*

Com dramaturgia autoral, também, assumimos a direção do monólogo, o qual ganhou vida com a atriz convidada Camila Maria. A captação de imagem e a edição ficaram sob a responsabilidade da Nobir Produtora, parceira, também, no processo de gravação da audiodescrição. A audiodescrição do espetáculo, assim como de todo o material de divulgação, foi construída em parceria com o audiodescritor consultor Thiago Cerejeira.

No âmbito da audiodescrição de teatro, nos inquietávamos com o caráter imagético da expressão artística e a forma como iríamos articular o recurso de acessibilidade com o espetáculo, entendendo que, virtualmente, esse encontro se daria por meio de elementos novos, evocando, também, novas sensações. De toda forma, a finalidade da audiodescrição no teatro pela perspectiva da autonomia do indivíduo, a fim de alcançar a melhor fruição possível. Nesse sentido, Alves (2019) menciona a atribuição da audiodescrição no teatro: “[...] compreendemos a audiodescrição como uma resposta ao espetáculo teatral com o propósito de que a pessoa com deficiência visual possa assumir um posicionamento responsivo em relação ao espetáculo acessível.” (ALVES, 2019, p. 163).

A apropriação da cena teatral leva os indivíduos não apenas a alcançarem a catarse por meio de uma melhor fruição, mas os coloca, também, no lugar de agentes que participam do evento teatral na formação e atribuição de sentidos. Assim, partimos para a aventura de construir a cena dentro da própria cena, por intermédio do agenciamento da palavra, como recriadora das imagens espetaculares, cujo exercício de encontro e de confronto entre a palavra e as imagens da cena põe em evidência que o ser humano se constitui pela palavra e, por intermédio dela, cria mundos.

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (BONDÍA, 2002, p. 21)

Dessa maneira, iniciar a audiodescrição foi a parte mais difícil. Assistimos ao vídeo do espetáculo inúmeras vezes, a fim de identificar os elementos fundamentais que eram imprescindíveis à compreensão da narrativa, listando os elementos cênicos imagéticos mais importantes, tentando encontrar um caminho para roteirizar. Nesse sentido, a participação do audiodescritor consultor, Thiago Cerejeira, foi de extrema importância para a constituição do roteiro, indicando as possibilidades de emergência da palavra no entre-

lugar da cena, ou seja, indicando os espaços mais adequados para inserção da audiodescrição nos momentos de silêncios e de pequenas pausas entre os diálogos.

No âmbito da audiodescrição e sua processualidade, a figura do audiodescritor consultor será imprescindível uma vez que, como uma pessoa com deficiência visual, com experiência e formação na área, estará responsável por assegurar a representatividade das pessoas usuárias do recurso de audiodescrição, pensando, portanto, no melhor acabamento estético para que o processo de fruição seja o mais satisfatório possível.

Esse profissional, o audiodescritor consultor, interfere, acompanha, sugere, modifica o roteiro construindo, junto com o audiodescritor roteirista, a estrutura audiodescritiva mais apropriada para cada produto.

No caso do espetáculo aqui investigado, com esse roteiro em mãos, nos encontramos para fazer os testes de narração, identificando se as escolhas eram pertinentes e, até mesmo, percebendo que alguns elementos não eram necessários. Nessa fase, experimentamos a narração e percebemos o quanto um pequeno fragmento de tempo faz a diferença para a audiodescrição. Os espaços de inserção, muitas vezes, são pequenos e é necessário adaptar-se a estes para poder mencionar aspectos relevantes da obra. Horas de reunião, problemas com a dicção, dificuldade com os tempos apertados, a busca pelo timbre ideal e a intenção que deve ser posta em cada palavra.

Nos fragmentos a seguir, é possível identificar alguns desses elementos:

**10:26**

*Caminha por entre as roupas espalhadas no chão. Pára. (rápido)*

**16:39**

*Arranha e aperta os braços. (trazer na voz o desconforto)*

**21:21**

*Curva-se para a frente. (rápido – trazer na voz o sentimento de dor)*

A preocupação era expressar esses sentimentos por meio da voz durante a narração, para que a audiodescrição pudesse comportar uma dimensão poética, em sintonia com o próprio gênero do espetáculo teatral. Diante disso, antes de partir para a gravação final, tivemos vários ensaios, testes e gravações para ouvir a narração do espetáculo, inúmeras vezes.

Por isso, atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório.

Esse movimento friccional entre a palavra, a imagem e a voz nos conduziu a uma ambiência de “[...] criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras,

etc. [...]” (BONDÍA, 2002, p. 21), em busca de sua nuance performativa que permitisse corroborar com a perspectiva dialógica da audiodescrição, uma vez que esta pressupõe a mobilização de referências valorativas dos agentes envolvidos e que enredam as formas de atribuir sentidos no encontro e confronto entre vidência e deficiência visual, uma vez que

A audiodescrição como um enunciado, ao se dirigir para outro enunciado (a obra audiodescrita), tem o direcionamento orientado para as pessoas com deficiência visual, as quais, como destinatárias, participam, internamente, da feitura da audiodescrição, uma vez que esta existe em função de posições responsivas (a serem) assumidas pelos não videntes. (ALVES, 2016, p. 41)

Ademais, esses arranjos no campo das interações intersemióticas entre o imagético e a palavra, ao revelar determinados encontros entre sujeitos concretos e presumidos, em favor da fruição ampliada da obra teatral, nos coloca diante da experiência estética como uma questão, na medida em que a audiodescrição deve levar em conta o próprio caráter poético da arte da cena, nos remetendo, por conseguinte, a pensarmos a audiodescrição, também, pela perspectiva poética.

## **DESCOBRINDO A DIMENSÃO POÉTICA DA AUDIODESCRIÇÃO**

Nesse processo de compreensão da audiodescrição, a linguagem poética atravessa diretamente as experiências de ler a cena pela ótica de transcriá-la pelo verbo. Emerge, assim, um exercício de descrever o espetáculo, desprendendo-se da neutralidade e da objetividade, dando espaço aos sentimentos e às emoções que perpassam as ações. Nesse caso, como o verbo é a matéria sígnica constitutiva da audiodescrição, a evocação dos sentimentos e emoções pressupõe uma artesanaria da escrita que não perca de vista a própria poeticidade da palavra, pois

As palavras mais assertivas virão da cadência do ritmo da peça, é precisar ‘dançar conforme a música’ cênica, e buscar o lúdico no jogo da “atuação” audiodescritiva para não fechar as possibilidades oníricas das construções verbais (PONCIANO, 2016, p. 28)

No que diz respeito ao teatro, cada elemento cênico, cada toque e cada olhar traz consigo um conjunto de signos que tendem a evocar no espectador múltiplos engajamentos e sentimentos vários. Mapear esses elementos e fazer uso deles na narração foi um dos desafios que assumimos.

Para alcançar esse propósito nos concentramos em dois aspectos articulados. O primeiro, se aplica ao lugar da escrita. Identificar a informação imagética a ser transcrita para o campo verbal compreende a busca pelas palavras que dialoguem com as ações e paisagens cênicas. Essa busca, em um processo poético, envolve a sensibilidade do olhar dos que atuam com a audiodescrição, os quais passeiam pelos possíveis sentidos que evocam determinadas palavras, a fim de desencadear esse diálogo.

É o “vai-e-vem” em busca do termo mais apropriado, o “ainda não é isso”, a teimosia por uma palavra que possa, de fato, se aproximar daquilo que não apenas se vê, mas daquilo que se instaura como provocações emocionais e energéticas, próprias do convívio cênico.

Essas tentativas de representação vinculam-se, também, ao segundo ponto de nossa argumentação, a qual está relacionada à narração. Embora a feitura do roteiro no processo de artesanaria da escrita comporte aquilo que Bakhtin (2011) designa de **entonação**, na medida em que as escolhas e arranjos das (e com as) palavras pressupõem o dimensionamento das formas (sonoras e axiológicas) de dizê-las, é preciso deixar claro que a narração como performance vocal completa o ciclo transcriador da audiodescrição, orientado pela perspectiva de que os espectadores com deficiência visual possam fruir a cena teatral.

Encontrar o timbre, o ritmo e a intensidade mais apropriadas, bem como, o limite entre os sentimentos e a forma correta de pronunciar, é uma atividade difícil. Quanto do que se sente a voz pode carregar e até que ponto isso não irá interferir na interpretação do outro? É esse equilíbrio que deve estar sempre em foco no desenvolvimento de um trabalho que visa um olhar mais sensível. E isso pressupõe um jogo entre a materialidade da voz e as sonoridades organizadas culturalmente em palavras, de tal modo que sua manifestação acústica e semântica, mobiliza e afeta os corpos (Cf. ZUMTHOR, 2007) que, no nosso caso, se encontrariam em contextos virtuais de interação cênica.

Considerando a própria linguagem do espetáculo, a construção dramatúrgica e a carga de informações que está no lugar do “entre”, que nem sempre são traduzidas pela fala ou até mesmo em todas as ações, se faz necessário conduzir essa poesia do “entre” e do não dito para o lugar da audiodescrição. Em muitos momentos, foi preciso adequar as inserções para além de uma informação de movimento ou um simples gesto que estava, em uma leitura mais atenta, abaixo da superfície textual, evidenciando uma outra carga de informações ali importantes. Como menciona Ponciano (2016, p. 25): “A cena teatral é um espaço que congrega muitos espaços e tempos.”

Pensando nessa outra dimensão dos espaços não visíveis do acontecimento cênico, adentramos o campo poético em momentos em que a carga dramática de informações era maior, como no exemplo abaixo:

**20:06**

*As mãos recaem sobre o ventre. Ela reclina a cabeça. O suave **ninar** com o corpo permanece.*

Nesse instante, temos o balançar do corpo de uma mãe, se pondo a ninar um bebê que não existe, mas que, para ela, está em cada movimento do seu corpo. Como levar ao espectador com deficiência visual a imagem desse balançar? E por que não remeter ao ninar? O cuidado com a palavra e com a forma de dizê-la instaura um novo campo

de possibilidades que, no processo de audiodescrição, também, como criação artística, potencializa a fruição teatral.

Neste outro exemplo, a seguir, uma bola, formada com o tecido, é colocada pela atriz dentro da saia. Poderíamos, a princípio, narrar dessa forma: “A atriz coloca a bola de tecido dentro da saia.” No entanto, insistimos que a informação importante não era a bola de tecido ou onde ela a colocava, mas o ventre que a memória melancólica da personagem suscita pelo ato.

**10:11**

*Esconde a bola debaixo da saia. Acaricia o ventre protuberante, formado pelo volume da bola.*

Como representado na **Imagem 1**, a atriz inicia um jogo com o tecido, trazendo sempre essa comparação com a criança e a ausência da mesma. Ela aproxima o tecido do corpo, acaricia, coloca no colo e afasta, incitando no público a própria criação imagética do que seriam essas ações com a criança. Acentuando essas questões, termos mais íntimos pareceram se adequar melhor ao contexto. Como no trecho a seguir:

**09:49**

*Puxa um vestido para si e o acolhe em seu peito.*

A personagem não apenas pega o vestido e o leva até o peito, ela o “acolhe” em seu peito, o que além de corresponder a intenção de seu ato, proporciona uma melhor adequação da narração a obra, como mencionado por Cerejeira e Alves (2021, p. 175):

A audiodescrição é um processo de orquestrar poeticamente as vocalizações, fazendo uso das escolhas lexicais e entonações mais adequadas, que consigam contemplar o sentido da imagem que está sendo construída dinamicamente, percebendo como se pode dizer o que está no roteiro escrito, porém dando a ideia, o tom de uma narrativa, de uma história que está sendo contada.

Fatores como esse, talvez, passassem despercebidos durante a roteirização e poderia ter sido escolhido um caminho mais simples, como apenas narrar as ações, como é visto em algumas audiodescrições. É nesse momento que se evidencia o papel do consultor no processo como um colaborador da atividade de mediação intersemiótica. Em torno dessa questão, Sá (2015, p. 11) afirma que:

Neste processo, compete ao consultor em audiodescrição avaliar a pertinência das escolhas tradutórias, a qualidade, a eficácia e a funcionalidade de um produto audiodescrito, em consonância com a heterogeneidade do público ao qual se destina.

Considerando que o consultor é, necessariamente, uma pessoa com deficiência visual, compreende-se seu papel como mediador, que auxilia, diretamente, na transcrição das informações, sendo o profissional que suscita possibilidades para que a audiodescrição colabore, de fato, na construção das representações mentais e seus sentidos por parte do espectador com deficiência visual.

No nosso caso, em particular, a presença de Thiago Cerejeira ultrapassa o papel de consultoria, na medida em que sua presença em todo o processo de roteirização, narração e gravação concorreu para a constituição de uma audiodescrição compartilhada, no qual se instaurou uma parceria autoral que nos auxiliou, sobremaneira, na descoberta do universo da audiodescrição e no enfrentamento dos próprios limites da perspectiva visocêntrica que atravessava minhas escolhas e meu lugar como vidente (Cf. SILVA, 2019), de tal modo que a convivência com Thiago Cerejeira provocou aprendizagens que vem nos deslocando do viés da normalidade da vidência em relação à percepção e à organização do mundo.

Essa relação intersubjetiva e intercultural com Thiago Cerejeira permitiu problematizar, entre outras coisas, o parâmetro da audiodescrição de que não é adequado interpretar as imagens no processo de feitura da audiodescrição, sob pena de influenciar a interpretação de quem se utiliza dessa modalidade de tradução.

Compreendemos que, a partir do momento em que você enxerga algo, ao verbalizar para outra pessoa, você já está exercendo sua subjetividade, porque parte do seu olhar e ele sempre será diferente do olhar de outra pessoa. Assim, pode existir um caminho entre a objetividade e a subjetividade, que considere os elementos orientadores da audiodescrição e que possa, também, trazer aspectos da poesia que, frequentemente, partem do campo da subjetividade.

### **PELA INSTAURAÇÃO DE NOVAS EXPERIÊNCIAS MEDIADAS PELA AUDIODESCRIÇÃO**

A experiência instaurada pelo contato com a audiodescrição a partir do curso de extensão “Audiodescrição ao vivo: a acessibilidade de eventos acadêmicos no contexto da UFRN”, nos lançou ao redimensionamento de nossa prática cênica, tendo como referência a acessibilidade do espetáculo teatral “Três encontros com a alegria”, por meio da audiodescrição.

O exercício de artesanaria da escrita nos possibilitou entrever o agenciamento de imagens poéticas pela própria vibração acústica e semântica das palavras, na tentativa de se alinhar às próprias imagens cênicas, em favor de outras maneiras de fruí-las. Nesse percurso, ainda que inicial, de descobertas e de experimentações, verificamos que a ocupação dos intervalos da cena pela audiodescrição nos sugere a constituição de um entrelugar no processo tradutório que articule as dimensões da objetividade e da subjetividade, da vidência e da cegueira, em favor da ampliação da arte teatral como a arte do encontro.

Essa perspectiva friccional instaura uma liminaridade entre o visível e o não visível, por conseguinte, entre o visual da cena e o audível das palavras que pode nos auxiliar no descentramento da primazia da visualidade cênica e, portanto, de sua gênese etimológica apoiada na visão, possibilitando, entre outras coisas, a mudança de nossa cosmovisão em

relação àqueles que participam da fruição da cena teatral, tendo como novo quadro de referência

[...] a consideração das pessoas com deficiência visual como sujeitos de direitos, seres humanos, protagonistas de suas próprias vidas, agentes promotores de experiências, de saberes e de leituras, promotores, portanto, de práticas culturais que dialogam com a vidência do mundo. (ALVES; CEREJEIRA, 2021, p. 14)

## REFERÊNCIAS

- ALVES, J. F. A audiodescrição no contexto escolar: a imagem sendo revelada pela palavra. In: VARELA, M. da C. B. et al. **Educação Inclusiva e Formação Continuada de Professores: diálogo entre teoria e prática**: Natal: EDUFRN, 2012. v. 2., p. 87-103.
- ALVES, Jefferson Fernandes. Audiodescrição e recepção teatral: um diálogo (im)pertinente entre o invisível e o visível da cena. In: DESGRANGES, Flávio; SIMÕES, Giuliana (Orgs.). **O Ato do Espectador: perspectivas artísticas e pedagógicas**. São Paulo, Hucitec, 2017. p. 181-195.
- ALVES, Jefferson Fernandes. Acessibilidade e Teatro: a presença das pessoas com deficiência visual como provocação. **Pedagogia das Artes Cênicas: desafios e resistências**, Florianópolis, ano 2019, v. 1, n. 34, p. 161-171.
- ALVES, Jefferson Fernandes; CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão. Visualidade e audiodescrição: a cena teatral sob o ponto de vista da deficiência visual. **Revistas Aspas**. USP, v. 10, n. 2, p. 08-23, 2021.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 nº 19, p. 20-28.
- CEREJEIRA, Thiago de Lima Torreão; ALVES, Jefferson Fernandes. A audiodescrição como performance e a transcrição da cena teatral a partir da contação de histórias: uma proposta (per)formativa. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; SILVA, Luzia Guacira dos Santos (Orgs.). **Pesquisa em educação especial: cenários de formação docente e de práticas pedagógicas inclusivas**. João Pessoa: Ideia, 2021, p. 160-193.
- FRANCO, E. P. C. e SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (Orgs): **Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.
- PONCIANO, Juliana Neri. **A Imaginação como Palco: a importância da audiodescrição no teatro para a formação estética do espectador com deficiência visual**. 2016. 75 f. Monografia (Licenciatura), Licenciatura em Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- SÁ, Elizabet Dias de. **A consultoria na prática da audiodescrição: a perspectiva dos consultores com deficiência visual**. 2015. Monografia (Especialização), Curso de Especialização em Audiodescrição, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- SÁ, Elizabet Dias de. A incompletude do olhar. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; ROMEU FILHO, Paulo (Orgs.). **Audiodescrição: Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. p. 203-206.
- SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. **Para além do visível: princípios para uma audiodescrição menos visocêntrica**. 2019. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- ZUMTHOR. Paul. **Performance, recepção, leitura**. São. Paulo: Cosac & Naify, 2007.



## AUDIO DESCRIPTION AND THE DISCOVERY OF AN ITINERARY IN THE THEATER PLAY “TRÊS ENCONTROS COM A ALEGRIA”

### ABSTRACT

We seek in this article to explain the process of theoretical-practical approximation of audio description, considering the involvement with the extension project “Audiodescrição ao vivo: a acessibilidade de eventos acadêmicos no contexto da UFRN” (Live Audio Description: the accessibility of academic events in the context of UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte) and the experience of audio describing the play “Três Encontros com a Alegria”. We focus on the conceptual dimension of audio description, highlighting the translation process of the aforementioned play, from which we evidence the collaborative character of audio description, having the mediation of the audio description consultant, a visually impaired person who must integrate the team of audio description, as a reference. Furthermore, we emphasize the poetic dimension of audio description, aligned with the characteristics of the theatrical scene.

**Keywords:** Audio description; Theater; Visual Impairment.

## LA AUDIODESCRIPCIÓN Y EL DESCUBRIMIENTO DE UN ITINERARIO EN EL ESPECTÁCULO TEATRAL “TRÊS ENCONTROS COM A ALEGRIA”

### RESUMEN

Buscamos en este artículo exponer el proceso de aproximación teórico-práctica de la descripción de audio, teniendo en cuenta la participación en el proyecto de extensión Audiodescrição ao vivo: a acessibilidade de eventos acadêmicos no contexto da UFRN así como la experiencia de descripción de audio del espectáculo Três Encontros com a Alegria. Nos centramos en la dimensión conceptual de la audiodescripción, con enfoque en la evocación del proceso de traducción del espectáculo en cuestión. A partir de eso, evidenciamos el carácter colaborativo de la audiodescripción, basado en la mediación del consultor audiodescriptor, persona con deficiencia visual que debe componer el equipo. Además, destacamos la dimensión poética de la audiodescripción, en armonía con el propio carácter de la escena teatral.

**Palabras clave:** Audiodescripción; Teatro; Deficiencia Visual